

Fishlow: "É um erro desvalorizar o real"

Economia Brasil

Para o economista, o Brasil está no caminho certo e não precisa de recursos do FMI

Livia Ferrari, Christiane Martinez
e Leonardo Sousa
do Rio

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, prevê que a inflação deste ano atingirá 5% na média dos principais índices. No ano passado a taxa de inflação do País foi de 9,3%. "Será o nível mais baixo jamais atingido desde o início dos anos 50", comemorou o ministro, assegurando que não abrirá mão do compromisso com a derrubada da inflação.

Malan abriu ontem os trabalhos do XVII Encontro Nacional de Comércio Exterior (Enaex), realizado no Hotel Glória, no Rio. Para uma platéia com mais de mil participantes, o ministro da Fazenda garantiu que 1997 será o quinto ano consecutivo de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) per capita. "A última vez que que a economia cresceu cinco anos seguidos foi na segunda metade dos anos 70", ressaltou.

Em seu primeiro encontro com os empresários do setor exportador após o lançamento do pacote fiscal, Malan fez uma detalhada retrospectiva da crise cambial internacional. E disse que, diante da crise externa, a alternativa do governo será a de "acelerar o passo, aprofundar as reformas, mas não mudar em nada a orientação básica da política econômica". Dessa forma, reafirmou que "não vamos alterar a política cambial".

Nesse processo de "aceleração de passo", as exportações terão papel de destaque. As metas do ministro são de que as exportações brasileiras atinjam taxa de crescimento sustentado de 10% ao ano e que a participação das vendas externas do País, em relação ao PIB, supere 10%. Atualmente, essa participação não passa de 7%. Em seu discurso no Enaex, o ministro das Relações Exteriores, Luiz Felipe Lampreia, disse que a meta do governo é chegar a 2002 com 100 milhões de exportações por ano.

Presente ao encontro, o economista norte-americano, Albert Fishlow, do Council on Foreign Relations, afastou completamente a necessidade de o Brasil promover uma maxidesvalorização do câmbio. "Seria um erro fundamental", disse ele, lembrando o círculo vicioso nocivo do processo: "Desvalorização implica inflação interna, que come a desvalorização e, em mais dois anos, come tudo".

Fishlow fez referência ao também economista norte-americano (naturalizado) Rudiger Dornbusch, que defende a desvalorização do real em

15%. "Todo mundo pensa que Dornbusch sempre tem razão. Mas ele teve êxito em um caso, o do México, que desvalorizou a moeda após a crise de dezembro de 94. Depois disso, Dornbusch errou, prevendo, há dois anos, que a Argentina e ao Brasil teriam que seguir o mesmo caminho", lembrou.

A opinião de Fishlow tem forte repercussão no governo, sobretudo no Ministério da Fazenda. "Malan foi meu aluno e espero que tenha apreendido algo. Não se deve mexer no câmbio", disse, em referência ao período em que o atual ministro da Fazenda estudou na Universidade de Berkeley, nos Estados Unidos.

Sobre a possibilidade de um acordo entre o Brasil e o Fundo Monetário Internacional (FMI), o economista observa que o País não precisa de recursos financeiros do fundo. Em seu entender, o pacote fiscal anunciado pelo governo já demonstra que o Brasil está no caminho certo do ajuste. Ainda assim, ele acredita que, se a crise cambial internacional se prolongar, "poderia ser interessante para o País obter aval do fundo, o que é uma situação nova e completamente diferente dos acordos tradicionais firmados no passado".

Um aspecto importante no caso do Brasil, explicou, é a confiança que o capital interno está demonstrando em relação à política econômica. Citou como exemplo disso as duas empresas energéticas (CPFL e Enersul) que foram privatizadas com ágio de até 85% e adquiridas por empresas nacionais.

A visão de Fishlow para o futuro do Brasil é positiva. Ele prevê crescimento sustentado da economia de 6% ao ano, a partir do ano 2000. Mas, para isso, considera fundamental que cresça também o nível de poupança interna. Lembrou que a poupança interna do País é de apenas 18% do PIB, "igual a que tinha em 1960".

Executivos do banco espanhol Santander também estão confiantes em relação ao desempenho da economia brasileira. Isso ficou claro no seminário "Exploring Value in the Real Brazil", promovido pelo banco espanhol, com a participação do ministro Malan. Os especilistas do banco projetaram déficit da balança comercial de US\$ 6 bilhões em 1998, abaixo portanto dos US\$ 9 bilhões esperados em 1997, e estimaram que o superávit primário passará dos atuais 0,8% do PIB para 2,3%.

Após palestra para mais de cem investidores estrangeiros, Malan disse que a trajetória de queda nos juros já começou, mas novas reduções ainda vão depender do desempenho do conjunto de medidas do pacote fiscal e da aprovação das reformas.



Albert Fishlow